



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**O Tênis de Campo em Campinas  
depois do surgimento de Gustavo  
Kuerten**

Rafael Soares Siqueira  
Campinas  
2004

Rafael Soares Siqueira



# O Tênis de Campo em Campinas depois do surgimento de Gustavo Kuerten

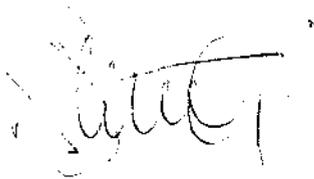
Monografia apresentada com requisito parcial  
para obtenção do título de Bacharel em  
Educação Física na modalidade de  
Treinamento em Esportes oferecido pela  
Faculdade de Educação Física da  
Universidade Estadual de Campinas sob  
orientação do Prof. Dr. Sergio Stucchi.

Campinas  
2004

Rafael Soares Siqueira

# O Tênis de Campo em Campinas depois do surgimento de Gustavo Kuerten

Monografia apresentada com requisito parcial  
para obtenção do título de Bacharel em  
Educação Física na modalidade de  
Treinamento em Esportes oferecido pela  
Faculdade de Educação Física da  
Universidade Estadual de Campinas.



---

**Prof. Dr. Sérgio Stucchi**

---

**Prof. Mestrando João G. C. Chiminazzo**

Campinas  
2004

## **Dedicatória**

A meus pais Rovilson e Ana Maria pela compreensão que sempre tiveram comigo e pelo apoio que nunca deixaram faltar.

## **Agradecimentos**

Primeiramente gostaria de agradecer a meus pais pela ajuda durante estes anos de faculdade, sempre me colaborando da melhor forma possível. À minha irmã gêmea Carolina pelas conversas que tivemos, mesmo estando longe de mim e à minha outra irmã Janaina, que me aturou durante todos anos morando comigo.

Não poderia deixar de falar da minha avó e meus tios e primos, que mesmo estando longe estavam sempre informados e me ajudando com palavras de apoio.

Um agradecimento especial ao professor Dr. Sergio Stucchi, profundo conhecedor do tênis em Campinas, que abraçou minha idéia sobre esta monografia, dando conselhos e opiniões novas sempre que nos reuníamos.

Ao João Soares, Mauro Corrêa e Amadeu Galli e ao João Guilherme Chiminazzo, que colaboraram em muito para a elaboração deste meu estudo.

A Ananda, Sabine e ao Jamaica que me ajudaram com os questionários aplicando a seus alunos, tendo de me aturar sempre em seus pés.

Especialmente a duas pessoas que me ajudaram durante todos estes anos de faculdade, Alexandre e João Paulo, seja na hora da carona ou durante nossas conversas em que eu mais ouvia do que falava.

Ao Carioca, Malinha, Clodoaldo, Chamberlaw, Dú Ribeirão, Tubaína e a toda turma 00D da Fef, pelos momentos que passamos juntos, como nos churrascos na chácara do Cadu ou em nossa viagem à praia.

Ao Guba, grande amigo e responsável por eu trabalhar na AABB e ao Rica, que me agüentou nas minhas faltas ao clube nestes últimos meses.

## Resumo

Que o Brasil é o país do futebol todo mundo sabe, mas nos últimos anos, principalmente após o mês de maio de 1997, época em que Gustavo Kuerten, o “Guga”, conquistou seu primeiro título de Grand Slam, Roland Garros, que a modalidade tênis de campo vem crescendo cada vez mais em todo o país, não só ganhando mais adeptos, como também admiradores do esporte e se tornando mais conhecido pela população brasileira, em decorrência principalmente da influência da mídia, que transformou Guga em um ídolo nacional, transformação à qual tem muita influência do que chamamos de “esporte espetáculo”. Neste estudo pretendemos mostrar como está este crescimento do tênis na cidade de Campinas, procurando quantificar o desenvolvimento da modalidade na cidade, bem como analisar os tenistas, o motivo de praticar o tênis de campo e saber de pessoas ligadas ao esporte na cidade sobre esta mudança que Gustavo Kuerten iniciou. A primeira parte fazemos uma retrospectiva histórica sobre o tênis brasileiro e seus ídolos do passado, como Maria Esther Bueno e Thomas Koch, não esquecendo de mencionar João Soares, profissional que motivou bastante o tênis em Campinas. Então analisamos o fenômeno “esporte espetáculo” e suas implicações. Depois disso realizamos uma pesquisa de campo com entrevistas e questionários a profissionais importantes da área do tênis nesta cidade e a praticantes da modalidade, além de realizar uma coleta de dados mostrando números deste crescimento do esporte. A última parte é dedicada às considerações finais do trabalho. Desta forma analisamos a situação deste esporte mostrando o que um ídolo pode fazer por uma modalidade, da mesma forma como tivemos no futebol.

**Palavras-chaves:** Tênis de Campo, Mídia, Esporte Espetáculo.

## **Abstract**

That Brazil is country of soccer everybody knows, but in last years, mainly after month of May of 1997, time where Gustavo Kuerten, the "Guga", conquered its first title of Grand Slam, Roland Garros, that the modality tennis comes more growing each time in all the country, not only gaining more adepts, as also admiring of the sport and becoming more known by the Brazilian population, in result mainly of the influence of the media, that transformed Guga into one national idol, transformation which has much influence of that we call "spectacle sport". In this study we intend to show as it is this growth of the tennis in the city of Campinas, looking for to quantify the development of the modality in the city, as well as analyzing the players, the reason to practice the tennis and know of on people to the sport in the city on this change that Gustavo Kuerten initiated. The first part we make a historical retrospect on the Brazilian tennis and its idols of the past, as Maria Esther Bueno and Thomas Koch, not forgetting to mention João Soares, professional who motivated the tennis in Campinas. Then we analyze the phenomenon "spectacle sport" and its implications. After this we carry through a research of field with interviews and questionnaires to important professionals of the area of the tennis in this city and the players of the modality, besides carrying through a collection of data showing numbers of this growth of the sport. The last part is dedicated to the conclusion of the work. Of this form we analyze the situation of this sport showing what one idol can make for a modality, in the same way as we had in the soccer.

**Keys-word:** Tennis, Media, Spectacle Sport

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
Metodologia.....	10
<b>1 – O TÊNIS BRASILEIRO E SEUS ÍDOLOS.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Maria Esther Bueno .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Thomas Koch .....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 Carlos Alberto Kirmayr.....</b>	<b>15</b>
<b>1.4 João Soares.....</b>	<b>16</b>
<b>1.5 Gustavo Kuerten.....</b>	<b>17</b>
<b>1.6 Tênis Atual .....</b>	<b>18</b>
<b>2 – ESPORTE ESPETÁCULO .....</b>	<b>21</b>
<b>3 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS PESQUISAS .....</b>	<b>25</b>
<b>4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXOS I.....</b>	<b>38</b>
Entrevista a pessoas ligadas ao tênis de Campinas. ....	38
<b>ANEXO II.....</b>	<b>40</b>
Praticantes de tênis .....	40
<b>ANEXO III .....</b>	<b>41</b>
Tabela .....	41

## Introdução

Que o Brasil é o país do futebol todo mundo sabe. Mas nos últimos anos, principalmente após o mês de maio de 1997, época em que Gustavo Kuerten, o “Guga”, conquistou seu primeiro título de Grand Slam, em Roland Garros, a modalidade tênis de campo vem crescendo cada vez mais em todo o país. Não só ganhando mais adeptos, como também admiradores do esporte e se tornando mais conhecido pela população brasileira, principalmente por se tratar de um esporte que ainda é considerado de elite pela população brasileira, com pouco acesso à maioria das pessoas, mas que na verdade não é, afinal o tênis de campo é um esporte que até pode ser praticado na rua.

Esta recente valorização do tênis de campo não se deve exclusivamente ao talento do Guga. Há um fator extremamente importante por trás disto. A influência que os meios de comunicação de massa, também conhecidos pelo termo mídia, exercem sobre a população. Esta influência não é coisa nova. Afinal, desde os tempos de Maria Esther Bueno é feita uma divulgação da modalidade através de seus ídolos esportivos, como as películas mostradas sobre ela nos jornais exibidos antes dos filmes nos cinemas (SANITA, 2003), porém poucas pessoas tinham acesso a estas notícias, ficando restrito apenas a quem freqüentava os antigos cinemas.

Com o passar dos anos e em decorrência das grandes evoluções tecnológicas, que permitiram um número maior de pessoas terem acesso aos meios de comunicação de massa, aumentou bastante o interesse à prática do tênis de campo no Brasil. Mudou a maneira como o esporte é visto pela população e esta mudança não se deu apenas no tênis, e sim em todas as outras modalidades esportivas. Uma transformação à qual tem muita influência do que chamamos de “esporte espetáculo”.

Apesar de possuímos jogadores de alto nível no cenário mundial, como a própria Maria Esther, Thomas Koch, Carlos Alberto Kirmayr, Marcos Hocevar, Edson Mandarino, João Soares, Cássio Motta, Nieve Dias, Luiz Mattar, Jaime Oncins, Fernando Meligeni e muitos outros que já figuraram entre os cem melhores do mundo, o valor dado pelos meios de comunicação em massa não era muito bom, e só com o surgimento do Guga, quando a mídia passou a tratá-lo como um herói, um ídolo nacional, que o esporte pôde ser melhor e mais difundido por todo o país.

Nesse estudo pretendemos mostrar como está o crescimento do tênis de campo, analisando uma pesquisa realizada na cidade de Campinas. Quantificar o desenvolvimento da modalidade durante estes sete anos da conquista do Guga, bem como analisar os tenistas. Saber deles os motivos de praticar o tênis de campo, suas influências para começar a praticar o esporte e suas características, como idade, gênero e nível de escolaridade, além de ouvir pessoas ligadas ao esporte na cidade sobre esta mudança que Gustavo Kuerten iniciou há sete anos atrás.

A idéia de escrever sobre este assunto surgiu já no meu primeiro ano de faculdade. Já jogava tênis desde meados de 1996 e pude acompanhar todo este processo iniciado em 1997. Durante meu crescimento como jogador de tênis, a observação dessa problemática foi aumentando com a dificuldade de que a bibliografia neste tema ainda é muito escassa no país. Outro fator que me motivou ainda mais foi um caso ocorrido na cidade de Lindóia, durante os jogos realizados entre Faculdades de Educação Física do Estado de São Paulo no ano de 2001. Estava com meus amigos a caminho do alojamento quando deparei com uma cena que me deixou deslumbrado, três garotos jogavam tênis no meio da rua, fazendo a rede com uma corda presa em duas árvores atravessando a rua e a quadra feita no asfalto com marcas de tijolo. Aquilo foi algo que me fez mais apaixonado pelo esporte, demonstrando que o tênis pode ser um esporte de fácil acesso para todos, e fez com que eu me decidisse por escrever sobre essa modalidade.

Sobre este estudo, podemos dividi-lo em três partes. Na primeira, dividida em dois capítulos, fazemos uma breve retrospectiva sobre o tênis no Brasil, falando um pouco de sua história e sobre grandes ídolos do passado neste esporte. Mostramos importantes nomes que elevaram o tênis brasileiro, influenciando novos valores a começar a praticar esta modalidade, até chegar ao momento atual, considerando o Guga e novos talentos que tem surgido no país. No segundo capítulo, analisamos um fenômeno atual, o que chamamos de esporte espetáculo, mostrando a mudança que os esportes sofreram em decorrência do avanço dos meios de comunicação de massa e como a mídia exerce uma grande influência sobre as pessoas, levando esse fator em consideração para influência no tênis de campo. Na segunda parte, ocorre a pesquisa de campo. Realizamos entrevistas com três pessoas ligadas ao tênis com grande influência desse esporte em Campinas, coletamos informações através de um questionário em praticantes da modalidade em dois locais diferentes: um Projeto de

uma Faculdade de Educação Física e em uma academia especializada; e por último, obtivemos dados numéricos sobre o tênis na cidade, como a quantidade de locais de oferecimento da modalidade, elementos que provavelmente sofreram mudanças em função do primeiro título de Roland Garros conquistado por Gustavo Kuerten. A terceira e última parte desse trabalho é destinada às considerações finais, concluindo sobre as hipóteses lançadas para a elaboração do estudo.

\* \* \*

## **Metodologia**

Antes de falar sobre a metodologia que utilizamos para este estudo, precisamos mostrar como surgiu a idéia de escrever sobre este assunto, partindo do conceito de que teria um problema a resolver. Há quatro passos básicos envolvidos no que chamamos de método científico para resolução de problemas (THOMAS e NELSON, 2002). Primeiro é preciso encontrar o problema, ou seja, descobrir um para estudar. Depois se deve formular hipóteses e em seguida começar a obter os dados para enfim poder analisar e interpretar os resultados alcançados.

Nesta pesquisa, descobrimos o problema partindo de uma opinião pessoal sobre o atual momento que o tênis brasileiro se encontra, o crescimento da modalidade depois do surgimento do Guga. Outro problema é a pouca literatura sobre o esse meu objeto de estudo. Sobre o estágio que se encontra esse esporte atualmente, é possível formular várias hipóteses, entre as quais a principal, pela qual escrevemos essa monografia, está voltada para o crescimento da modalidade em decorrência do aparecimento de Gustavo Kuerten. Com a obtenção de dados que comprovem essa proposição, mas também podemos supor como foi esta valorização do tênis e as características dos praticantes de tênis.

Os dados obtidos foram conseguidos em entrevistas e questionários aplicados em academias, clubes, na liga de tênis local e no projeto de extensão da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Os resultados, que comprovam as hipóteses levantadas, são analisados no final.

Sobre a metodologia à qual seguimos, podemos dizer que realizamos dois tipos de pesquisa, uma pesquisa analítica e uma descritiva (THOMAS e NELSON, 2002). Na analítica desenvolvemos uma pesquisa histórica, buscando dados sobre o tênis e seus ídolos

do passado e do presente, e no levantamento bibliográfico destacamos o fenômeno com ênfase no esporte espetáculo.

São três ferramentas utilizadas na pesquisa descritiva. O questionário<sup>1</sup>, com as perguntas feitas aos praticantes do tênis de campo; a entrevista<sup>2</sup>, com as pessoas ligadas ao tênis na cidade de Campinas sobre o momento atual do esporte, e o levantamento quantitativo, reunindo dados referentes ao crescimento do tênis nos diferentes locais indicados.

O questionário foi aplicado em dois lugares diferentes. No Projeto de Extensão da Faculdade Educação Física da Unicamp que oferece a modalidade semestralmente à comunidade e em uma academia especializada no tênis de campo da cidade, que trabalha com a modalidade competitiva e para iniciantes, além de alugar quadras para quem quiser jogar. Perguntou-se sobre idade, sexo, formação escolar e o motivo pelo qual começou a praticar o tênis. Foram questionadas 23 pessoas no Projeto de Extensão e 20 pessoas na academia.

As entrevistas foram realizadas com três pessoas importantes para o tênis de Campinas. Um ex-jogador profissional, que esteve entre os cem melhores do mundo e dono de uma academia; um professor de tênis de um clube da cidade com grande contingente de pessoas que buscam a modalidade e o presidente da Liga Campineira de Tênis, entidade que congrega unidades de oferecimento, organiza eventos e representa o tênis de Campinas.

O levantamento quantitativo colheu dados do mesmo projeto citado acima, analisando o número de alunos ao longo dos anos em que a modalidade foi oferecida à comunidade. Também foram obtidos dados sobre números do tênis em Campinas junto à Liga Campineira de Tênis, mais precisamente sobre o número de quadras de tênis que Campinas possui e a evolução destes dados até hoje.

---

<sup>1</sup> Vide em anexo modelo de questionário utilizado

<sup>2</sup> Vide em anexo a pergunta realizada com a transcrição das entrevistas

## 1 – O tênis brasileiro e seus ídolos

O tênis chegou ao Brasil no final do século XIX através dos ingleses, mais precisamente pelas mãos dos técnicos das empresas Light and Power (energia elétrica) e da São Paulo Railway (estradas de ferro) que iniciaram o processo de urbanização dos grandes centros, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro. O crescimento econômico e a emergência de uma elite urbana provocaram mudanças nos costumes, e o gosto por modas européias se tornou notório. Dessa forma, quando os ingleses iniciaram a prática do tênis nos centros mais desenvolvidos do país, a resposta de nossa elite foi rápida, passando a se dedicar a este novo esporte (BRUSTOLIN, 1995).

Apenas em 1955 foi criada a Confederação Brasileira de Tênis, sendo que antes a modalidade era filiada à Confederação Brasileira de Desporto (CBD), junto com outros esportes, como o futebol, basquete, vôlei, esgrima, vela, etc, não possibilitando muitos recursos para o esporte. Esta emancipação deu resultados bem cedo ao tênis brasileiro, afinal um pouco depois deste período surgiram dois nomes importantes: a paulista Maria Esther Bueno e o gaúcho Thomas Koch, que proporcionaram um grande avanço do esporte no Brasil (BRUSTOLIN, 1995).

Antes disso, alguns tenistas merecem ser destacados, como Néelson Cruz e Ricardo Pernambucano, os primeiros a defenderem o Brasil na Copa Davis, Alcides Procópio, o primeiro brasileiro a jogar em Wimbledon e que chegou a ser campeão sul-americano na década de trinta e Armando Vieira, que foi o primeiro brasileiro a chegar às quartas-de-final em Wimbledon em 1951, o então campeonato mundial, sem deixar de falar de inúmeros outros, como Manoel Fernandes, Ronald Moreira, Ronald Barnes e tantos outros que fizeram do tênis um esporte.

### 1.1 *Maria Esther Bueno*

Nascia em 11 de outubro de 1939, em São Paulo, a maior estrela do tênis nacional: Maria Esther Bueno. Quem diria que a jovem que começou a praticar o tênis no quintal dos fundos de sua casa para ajudar e acompanhar seu irmão mais velho a jogar, iria se transformar na melhor jogadora brasileira de tênis de todos os tempos.

No início sempre perdia para seu irmão, porém já demonstrava uma de suas principais características, a obstinação. Não aceitava participar do jogo somente por

diversão, queria ganhar sempre. Seu estilo de jogo, com força e agressividade, a levaram rapidamente para treinar no Clube Tietê.

Suas conquistas não demoraram muito para surgir, logo aos 11 anos já era campeã brasileira adulta e com 15 anos representou o Brasil nos Jogos Panamericanos do México. Dois anos mais tarde começou a girar o mundo para disputar as etapas do circuito mundial e no seu segundo ano já era a oitava melhor do mundo, tendo conquistado três títulos, sendo dois de simples e um de duplas, este último num dos maiores templos do tênis mundial, em Wimbledon.

O ano de 1959 marcou seu primeiro título de simples em Wimbledon, torneio que antes nunca havia sido conquistado por alguém que não fosse da Europa ou dos Estados Unidos. Depois de seis dias, Maria Esther retornou ao Brasil, sendo recebida pelo Presidente da República Juscelino Kubsticheck no Rio de Janeiro e registrada em vários diários. Foi para São Paulo e desfilou no carro dos bombeiros do aeroporto até o clube onde começou sua carreira, o Clube Tietê.

Sua história não acaba aqui, ela ainda obteve inúmeras conquistas, sendo tricampeã de simples em Wimbledon (59, 60 e 64) e tetracampeã no US Open (59, 63, 64 e 66), outro torneio que faz parte do Grand Slam, tendo conquistado no total 589 títulos internacionais em toda a sua carreira. Maria Esther foi considerada como número um do mundo durante as temporadas de 59, 60, 64 e 66.

Estes grandes torneios conquistados pela nossa maior tenista da história foram reproduzidos para a população brasileira através de películas mostradas em jornais que eram mostrados antes dos filmes exibidos nos cinemas daquela época (SANITA, 2003), além de ter sido feito um selo comemorativo de sua primeira conquista em Wimbledon (CARTA E MARCHER, 2004). Estas informações acabavam influenciando as pessoas que tinha acesso e podiam ver os feitos alcançados pela tenista, abrangendo também nos locais onde era praticado o tênis de campo, onde as pessoas buscavam atingir cada vez mais sucesso, como Maria Esther Bueno o fez.

É possível dizer que ela viveu num momento em que o tênis não era algo tão competitivo e exigente como nos tempos de hoje, mas para uma mulher com apenas 18 anos, viajar pelo mundo disputando torneios de tênis, era qualquer coisa de “maluco”, ainda mais por ela viajar sozinha e com pouco dinheiro e tudo isso num mundo ainda pouco

receptivo para moças desacompanhadas. Todas estas dificuldades demonstram o grande talento que a nossa maior tenista da história possui.

## **1.2 Thomas Koch**

Jogador canhoto nasceu em 11 de maio de 1945 em Porto Alegre e começou a jogar cedo, logo aos cinco anos de idade já dava suas primeiras raquetadas. Koch foi aprendendo a jogar com seu irmão e seus amigos, além de observar os jogadores mais velhos que praticavam no clube de frente para sua casa, a Associação Leopoldina Juvenil. Algo interessante a mencionar é que ele praticamente aprendeu a jogar sozinho, nunca tendo um acompanhamento de um especialista próximo dele, já que onde jogava havia muitos amadores querendo evoluir no tênis e poucos professores para ensinar, o que engrandece ainda mais seus feitos no circuito da ATP.

O que mais impressionava em Thomas Koch era o talento que possuía dentro de quadra. Sua carreira deslanchou em 1963, quando foi considerado o melhor jogador de 18 anos do mundo, quando alcançou a semifinal de Forest Hills, o atual US Open. Anos depois ainda conseguiu mais dois bons resultados em Grand Slam, ao alcançar as quartas-de-final tanto em Wimbledon como em Roland Garros. Ele ainda conseguiu dois títulos em torneios da ATP, em Washington e Caracas. O tenista só não conseguiu bons resultados no Australian Open, mais um evento do Grand Slam, já que nunca participou, por não ter recursos suficientes para disputar o torneio.

O brasileiro, de acordo com o ranking mundial fica em segundo lugar entre todos os tenistas do país na história do tênis mundial, chegando a alcançar a 24ª colocação, atrás apenas do atual Guga, que já ocupou a primeira colocação por quarenta semanas seguidas. Esta posição seria muito superior se o ranking oficial tivesse sido instaurado um pouco antes, já que a contagem atual começou apenas quando Koch estava no fim de sua carreira. Revistas especializadas no esporte e que eram a maior referência para saber os melhores do mundo no tênis apontavam o brasileiro entre o 10º e o 15º posto. Existe uma transição do amador para o profissional com esta mudança para o ranking oficial da ATP e Thomas Koch foi o precursor do tênis profissional brasileiro nessa passagem.

Há de se ressaltar a brilhante campanha que ele possui em toda a história da Copa Davis, o campeonato mundial de nações do tênis. Defendeu o país entre 1962 e 1981, conseguindo grandes vitórias e ótimos resultados, deixando suas marcas praticamente

insuperáveis para qualquer outro brasileiro, até para o Guga. É o sétimo maior vitorioso da história no torneio, com 74 triunfos, sendo 23 em duplas, ao lado de Édson Mandarino, a terceira melhor na história da Copa. Com estes números, Thomas Koch conseguiu levar o Brasil a duas semifinais, em 1966 e 1971.

Thomas Koch também abriu caminho para todas as glórias do tênis masculino nacional posteriormente. Pode-se afirmar que Luiz Mattar, passando por Jaime Oncins, Fernando Meligeni, Gustavo Kuerten etc, surgiram após um pequeno, mas importante desenvolvimento do tênis no Brasil na década de 80, incremento que Koch certamente fez parte, principalmente após ter criado uma empresa de eventos esportivos com outro tenista brasileiro Luiz Felipe Tavares, a Koch-Tavares Eventos, empresa que realizou inúmeros torneios de tênis no país, promovendo um grande crescimento do tênis no Brasil durante os anos 70 e 80.

### **1.3 Carlos Alberto Kirmayr**

Kiki, Carlão, Alemão ou Kharman Ghia. Todos esses são apelidos do tenista considerado por muitos o melhor duplista da história do Brasil. Seu nome é Carlos Alberto Kirmayr. Ele defendeu o país na Copa Davis por 15 anos e foi o melhor brasileiro no ranking mundial durante cinco anos. Destro, nasceu em 23 de setembro de 1950, em São Paulo. Deu as primeiras raquetadas no Banespa, quando tinha apenas quatro anos de idade. Depois, teve aulas nos clubes Tietê e Indiano. Ainda criança, ele já chamava a atenção pela qualidade que demonstrava nos primeiros campeonatos.

Com 19 anos, ele resolveu se aventurar pelos EUA. Lá, lavava as quadras da Universidade de San Jose, na Califórnia, aprendia a falar inglês e, o mais importante, jogava. Não demorou muito para que seu talento fosse observado pelos treinadores brasileiros. Em 71, teve a sua primeira chance na equipe nacional que disputava a Copa Davis. No mesmo ano, conquistou o título do ATP Tour do Guarujá, no litoral paulista.

Em simples, Kiki chegou a importantes finais, como a do Cairo, em 79, e a de Bogotá, em 80. Além disso, levou o título do Guarujá mais duas vezes. Em agosto de 1981 alcançou sua melhor colocação no ranking, na posição de 36º melhor tenista do mundo.

Jogando duplas, Kirmayr foi ainda mais espetacular. Ele chegou a 15 finais de torneios ATP e alcançou, ao lado de Cássio Motta, o posto de quinta melhor parceria do planeta. No ranking da ATP, chegou a estar em 6º lugar de duplas.

Carlos Kirmayr defendeu o Brasil na Copa Davis durante 15 anos, de 1971 a 1986. Em termos de dedicação e retrospecto à seleção, ele só perde para Thomaz Koch e Edson Mandarino. Foram 34 triunfos em 56 jogos, o que deixaram seu nome gravado na história do tênis brasileiro.

Kirmayr foi também um grande treinador, afinal, de todos os brasileiros, ele foi quem treinou o maior número de tenistas entre os dez melhores do mundo, como Gabriela Sabatini, Arantxa Sanchez, Conchita Martinez e Cedric Pioline. Atualmente, Kirmayr não treina mais grandes tenistas profissionais, apenas dá aulas de tênis no Rio de Janeiro e em seu Hotel Fazenda localizado em Serra Negra. Também possui um cargo na Confederação Brasileira de Tênis e ministra cursos e palestras no país.

### **1.4 João Soares**

Tenista nascido em abril de 1951 na cidade de Limeira, João Soares elevou o nome do tênis em Campinas, local que ele escolheu para viver, representando muito bem o tênis brasileiro durante a década de setenta e início dos anos oitenta. Deve-se ressaltar que João Soares decidiu mesmo a jogar tênis em função de Thomas Koch, vendo ele jogar e buscando atingir o mesmo sucesso que o tenista brasileiro alcançou.

Foi integrante da equipe brasileira na Taça Davis, a copa do mundo do tênis durante os anos de 76 a 81. No ano de 1981 tornou-se campeão brasileiro, sendo que neste mesmo ano, em agosto, alcançou seu melhor ranking na ATP, na colocação de número 74 do mundo. Chegou a vencer três torneios da ATP, os abertos de Guadalajara no México, Rio de Janeiro e em Lausanne na Suíça, além de ser finalista de inúmeros outros. Tem um bom retrospecto também em duplas, sendo melhor do que em simples com diversos títulos em Grand Prix, como em Itaparica e Buenos Aires e a colocação de 49º no ranking da ATP em abril de 1980.

Parou de jogar em 1987, dedicando-se ao treinamento de juvenis e jogadores profissionais. Atualmente, seu maior objetivo é descobrir novos talentos para o tênis, fazendo um trabalho de base na sua academia especializada em tênis localizada em Campinas, onde já treinou jogadores que hoje fazem sucesso no tênis brasileiro, como Flavio Saretta e Ricardo Mello.

## **1.5 Gustavo Kuerten**

Três títulos de Grand Slam, número um do mundo durante 43 semanas seguidas e vencedor da Corrida dos Campeões em 2000. Quem acreditaria um dia que o responsável pelas glórias citadas acima seria um brasileiro? Mas assim é Gustavo Kuerten, que venceu o descrédito de um país que praticamente ignora os esportes fora do futebol e colocou o tênis como uma das modalidades mais valorizadas pelo brasileiro no final dos anos 90 e início deste século 21.

Órfão de pai e criado com muito esmero pela mãe, o catarinense nascido em 10 de setembro de 1976 tornou-se conhecido para os brasileiros em 8 de junho de 1997, quando bateu o espanhol Sergi Bruguera em rápidos três sets na final de Roland Garros, sendo o primeiro atleta do país a vencer um torneio de Grand Slam desde a profissionalização do tênis em 1968. Até então, o único nome brasileiro nesta lista seleta de vencedores era Maria Esther Bueno, campeã em Wimbledon e no Us Open. Depois do título em Paris, o tênis brasileiro ganhou um novo referencial. A partir de 1997, a modalidade passou a respeitar mais o “manezinho da Ilha”, apelido do qual é chamado, que elevou em muito o nome do tênis brasileiro, além de conseguir popularizar mais o esporte, considerado elitista.

Depois de ter realizado grandes atuações nos torneios juvenis, chegava a hora de Guga partir para os desafios profissionais. Sem deixar de lado a paixão pelo surfe ou pelo futebol, o brasileiro estreou em 1994 no circuito profissional, mas seu primeiro troféu de vencedor veio apenas em 1996 no Challenger de Campinas, realizado na Sociedade Hípica de Campinas, quando venceu cinco adversários na competição, título que o levou a ser o melhor brasileiro no ranking mundial, superando na época a Fernando Meligeni. Esta conquista influenciou o povo campineiro, a opinião pública e a mídia local, elogiando bastante o brasileiro. Em 1997, antes de seguir para a Europa, onde se consagraria, Guga venceu o Challenger de Curitiba, seu segundo título como profissional. Depois disso, ele embarcou para Roland Garros e começou a história de sucesso no tênis mundial.

A sua primeira grande conquista profissional, a maior do tênis masculino do Brasil até hoje, é uma prova da ousadia de Kuerten. Em 1997, no Aberto da França, com o estádio de Roland Garros lotado, o brasileiro, de apenas 20 anos, 66º do ranking mundial, desbancaria o bicampeão do torneio, o espanhol Sergi Bruguera, na final. Antes, ele já havia batido nos campeões Thomas Muster e Yevgney Kafelnikov, ganhando a simpatia da

torcida parisiense. Três anos mais tarde, em 2000, Guga conseguiu levantar o troféu no torneio pela segunda vez, algo que poucos acreditavam depois de sua primeira conquista, fato repetido no ano seguinte, quando se tornou tricampeão do Grand Slam francês.

Mas seu melhor momento foi realmente no ano de 2000, depois de vencer em Roland Garros, Guga assumiu a ponta da Corrida dos Campeões, modelo de ranking instaurado naquele ano que contava apenas os resultados do ano. Faltava apenas ser primeiro no ranking tradicional, que marca também os resultados do ano anterior e que o tenista precisava defender. E isto aconteceu justamente no último torneio do ano, o Master realizado em Lisboa, campeonato disputado apenas pelos oito melhores tenistas do ano. Guga chegou a perder no primeiro jogo para Andre Agassi, mas depois se recuperou e venceu todos seus jogos, vencendo na semifinal ao melhor jogador de todos os tempos, Pete Sampras, e na final, ganhando de maneira incontestável do americano Andre Agassi, devolvendo assim à derrota que sofrera na primeira fase. Após este título, Guga assumiu a primeira colocação do ranking mundial e permaneceu nela durante 43 semanas seguidas, o deixando em décimo lugar de toda a história em semanas na liderança do ranking.

## **1.6 Tênis Atual**

Depois do surgimento do Guga, o tênis brasileiro começou a ser visto de uma forma diferente, tanto que até 1996, o até então melhor jogador no país no ranking mundial era Fernando Meligeni, e pouco se falava sobre ele na mídia brasileira, mas depois da glória alcançada por Gustavo Kuerten em Roland Garros, o argentino naturalizado brasileiro ganhou mais notoriedade, assim como o tênis em geral. Ele ainda conseguiu ser o terceiro melhor tenista do Brasil de todos os tempos, chegando a alcançar a vigésima quinta colocação no ranking dos tenistas em outubro de 1999, quando alcançou as semifinais do Grand Slam francês.

Outros três jogadores que merecem ser mencionados são André Sá, Flavio Saretta e Ricardo Mello, três tenistas que nos últimos anos tiveram bons resultados no circuito da ATP e já figuraram entre os sessentas melhores do mundo. Sá, mineiro de Belo Horizonte chegou a ocupar a posição de cinquenta e cinco no ranking depois de chegar nas quartas de final de Wimbledon, o Grand Slam britânico, em 2002. Saretta, apontado por Guga a estar entre os vinte melhores do mundo, é de Americana e nos tempos de juvenil treinou em Campinas numa academia local. Seu melhor ranking foi a quadragésima quinta colocação.

Ricardo Mello é atualmente o melhor ranqueado dos três, principalmente após ter conquistado seu primeiro título em torneios da ATP, em Delray Beach na Flórida em setembro de 2004, e que o levou ao sexagésimo lugar no ranking mundial. Mello é de Campinas e após esta conquista sua notoriedade aumentou bastante, o que motiva ainda mais as pessoas a procurarem o esporte.

Devemos colocar um detalhe importante sobre o tênis brasileiro que impede sua maior popularização: quanto ao oferecimento da modalidade. O esporte cresceu em nível de conhecimento do público, mas falta ainda uma maior demanda para que possa suportar este crescimento. Sobre este detalhe, falamos em relação aos investimentos público e privado, nos projetos realizados por instituições públicas, como as prefeituras e pelas instituições privadas, como clubes e academias.

Muitos ainda consideram o tênis como um esporte de elite por seu aprendizado ser caro e pela falta de projetos que levem o tênis para todas as classes sociais, principalmente para as classes mais baixas, acentuando ainda mais este conceito da prática de tênis ser de alto custo. O desenvolvimento de jogadores como o Guga, Flávio Saretta ou Ricardo Mello ocorreu devido à iniciativa privada, através de entidades específicas de tênis e clubes recreativos, com os tenistas procurando clubes ou academias para poder evoluir no esporte. Nesse caso a sua prática se torna cara, afinal o tenista tem que pagar seu aprendizado, porém como já foi dito, o tênis é um esporte que pode ser de fácil acesso, podendo se improvisar matérias e quadras facilmente.

Campinas é um bom exemplo disto, afinal possui apenas seis quadras públicas, que, apesar de ser muito pouco para uma cidade grande como é, não as utiliza em nenhum projeto para a comunidade, deixando-as apenas para aqueles que quiserem praticar o tênis. CHIMINAZZO ilustra bem este caso:

Analisando sob a óptica de investimentos públicos, percebe-se que não existem ou, se existem, são em número bem reduzidos. Na realidade de Campinas, por exemplo, que conta com aproximadamente 1 milhão de habitantes, encontramos apenas 6 quadras públicas para se jogar tênis. Daí decorre que ou você é sócio de um clube para nele praticar o seu esporte ou simplesmente você não tem onde jogar tênis. (CHIMINAZZO, 2001, p. 8).

Em compensação, o município possui 128 quadras privadas<sup>3</sup>, tanto em clubes como em academias, um número bem elevado, mas com pouco acesso à maioria das pessoas que não podem pagar para jogar tênis.

STUCCHI propõe uma boa alternativa para esta falta de projetos para tênis de campo brasileiro. O autor sugere levar o tênis para as escolas brasileiras, procurando promover a modalidade para as crianças, visando uma maior popularização da modalidade:

Uma grande vantagem do Tênis na escola, é a escola poder tornar-se uma alternativa de prática face a crise econômica enfrentada pelas instituições que se propõe desenvolver o Tênis de Campo. Seria a escola fazer as vezes de outras instituições passando a trabalhar a modalidade em questão. (STUCCHI, 1993, p. 30).

Então, de que adianta as pessoas conhecerem o tênis se não podem praticá-lo?

---

<sup>3</sup> Fonte: Liga Campineira de Tênis. Esses dados não levam em conta as quadras particulares de condomínios e casas.

## 2 – Esporte Espetáculo

Atualmente o esporte tomou um rumo diferente; e não falo apenas do esporte tênis de campo, generalizo a todos os outros esportes, numa revolução que se denomina “esporte espetáculo”. Atualmente não se pode mais falar de esporte sem integrá-lo aos meios de comunicação em massa. O ideal de esporte que existia no passado, como o de praticá-lo apenas por prazer, associado ao naturalismo e ao lazer, modificou-se à medida que o esporte passou a cumprir funções políticas e econômicas cada vez mais importantes. A relação esporte-mídia vem se alterando progressiva e rapidamente. Essa relação vem influenciando a maneira como praticamos e percebemos o esporte. (BETTI, 1998).

Embora o esporte já pudesse ser considerado como um fenômeno cultural disseminado por todas as classes sociais e por todos os cantos do planeta antes da Segunda Guerra Mundial, seria apenas com a chegada da televisão e o desenvolvimento da cultura de massa que a lógica do mercado invadiria definitivamente a organização esportiva (PRONI, 1998), vendendo o esporte de todas as formas possíveis, desde as transmissões dos jogos pela televisão ou ao vivo nos estádios até os materiais esportivos utilizados para a realização do esporte como bolas, roupas, tênis ou chuteiras.

Outro fato que evidencia a mudança pelo qual o esporte passa, é o fato de que antigamente as pessoas praticamente não ganhavam dinheiro pelas suas conquistas, os atletas não eram profissionais, eram amadores e conforme os anos foram passando e as cifras aumentando para os atletas, mudou também a forma com eles disputam uma partida, conforme CARTA E MARCHER nos falam:

Em 2004 ninguém acha errado ganhar dinheiro em exhibições ou torneios. Porém, nos anos 40 e 50, o profissionalismo era sinônimo de interesses financeiros em detrimento de espetáculo amador, puro, bonito. Em suma, para ser arte o tênis tinha de ser amador. Só assim, apareceriam as deixadas, lobs, esquerdas carregadas de slices e outras preciosidades perpretadas por mãos leves, sutis. (CARTA E MARCHER, 2004, p 52).

Maria Esther é um claro exemplo disto. Quando ganhou seu primeiro título em Wimbledon, o prêmio de 15 libras não foi suficiente para comprar o vestido para o baile do torneio. Em 1968, início da era profissional, a vencedora em simples passou a faturar 750

libras e em 2003 e a campeã ganhou 535 mil libras, sem contar nos valores recebidos em propagandas e patrocínios (CARTA e MARCHER, 2004).

Isto demonstra que os esportes passaram por diversas etapas de valorização econômica à medida que os anos iam passando, e ganhando maior destaque na compra e venda através da mídia. Nessas etapas, o que se pode observar é uma influência cada vez maior da política e da economia do país que também manipula a mídia, que alavanca uma indústria de incentivo cada vez maior sobre a população, possibilitando também um aumento no número de praticantes. Este incentivo só pode ser constatado de acordo com o surgimento de pessoas ou equipes nacionais que se destacassem no cenário esportivo mundial e ao valor que a mídia repassava a esses fatos. (SANITA, 2003).

Um importante elemento nesta transformação foi a figura do espectador, que está disposto a pagar para assistir a uma competição esportiva, e assim financiar o sistema comercial do esporte, permitindo que a assistência ao público fosse comercializada e os atletas se transformassem em profissionais assalariados. Mais tarde, mais precisamente a partir da década de 1960, com o aumento das transmissões ao vivo pela televisão, surgiu como uma nova figura, o telespectador, que aumentou em muito o acompanhamento dos esportes, já que a televisão se tornou um meio de comunicação acessível a todas as pessoas. Porém, como nos mostra BETTI o esporte já estava com um novo rumo:

O esporte transformou-se num espetáculo modelado de forma a ser consumido por telespectadores que procuram um entretenimento excitante, e é parte cada vez maior da indústria do lazer, sendo fator decisivo para isso o papel desempenhado pela mídia, especialmente a televisão. (BETTI 1998, p. 31).

O autor mostra que hoje o esporte transformou-se da tal maneira que ele está se adequando cada vez mais aos interesses da mídia, principalmente no caso da televisão que atende aos interesses dos telespectadores. No tênis, podemos citar a criação do tie-break, que diminuiu o tempo do jogo de tênis, tornando mais fácil de transmitir na televisão. Tudo isto proporciona um interesse maior ao espectador em acompanhar o tênis.

Com essa nova caracterização, o esporte vai sendo difundido por todo o mundo e seu estatuto de mercadoria acaba superando os outros objetivos potencialmente existentes.

(SOUZA, 1991). Esta mercadorização não teria surgido se não fosse a mídia, como SOUZA nos mostra:

... os meios de comunicação de massa possibilitam a mercadorização em larga escala do esporte espetáculo e com a concretização e difusão destes recursos, surge um dos setores mais produtivos no início deste século – a indústria cultural esportiva. (SOUZA, 1991 p. 76).

Como em todo mercado o que se visa é o lucro, ganhar mais do que perder, e para isto é preciso que o esporte seja aceito pela população, para que possa ser vendido às pessoas. O tênis de campo é um esporte que, no passado, seria praticamente impossível ser vendido, devido à sua principal característica, o de ser um esporte apenas para a elite, ou seja, apenas para a minoria, diferentemente de outros esportes como o futebol, o basquete ou a natação e desta forma com pouco acesso à maioria da população.

BETTI demonstra claramente como uma mudança ocorreria para que um esporte pudesse ser mais popular, como o tênis o fez:

O componente comercial do esporte – a ambição de lucrar com sua promoção e operação – atingiu seu apogeu na segunda metade deste século. O desenvolvimento das funções políticas e econômicas do esporte é intensificado pela reportagem esportiva. É por meio da popularidade dos astros esportivos, da constante recepção de informações e imagens sobre o esporte, e da combinação do sucesso com a imagem do produto, que o esporte se torna interessante para a indústria. (BETTI, 1998, p. 32).

Com o crescimento da televisão, um número maior de pessoas puderam acompanhar mais sobre o tênis. Faltava ainda algo muito importante para uma melhor mercadorização do tênis de campo no Brasil, que é essencial ao esporte espetáculo, a figura de um ídolo e é neste ponto que surge Gustavo Kuerten.

Mas e Maria Esther, Thomas Koch e Carlos Alberto Kirmayr, grandes tenistas brasileiros do passado e que figuraram entre os melhores do mundo, não podem ser considerados como ídolos do tênis brasileiro?

Maria Esther está para as mulheres o que Guga está para os homens, talvez até um pouco mais acima, Koch e Kirmayr também foram dois grandes tenistas que influenciaram muitas pessoas a jogar tênis. Porém eles surgiram numa época em que os meios de

comunicação de massa estavam apenas começando a crescer, poucas pessoas tinham acesso a informações sobre a nossa maior tenista de todos os tempos e os dois tenistas (Koch e Kirmayr) não obtiveram o mesmo destaque que Maria Esther e Guga, sendo que naquela época o interesse pelo esporte era pequeno, principalmente pelo tênis ser um esporte de elite. Podemos dizer que estes três brasileiros foram responsáveis para o surgimento de grandes tenistas de hoje, pela evolução que o esporte teve em decorrência deles, porém eles ficaram conhecidos apenas no meio do tênis, pouco populares fora de quadra.

Será que apenas as conquistas do Guga promoveram esta mudança ocorrida no tênis brasileiro?

Não podemos deixar o talento do Guga, afinal se não fosse seu incrível saque, sua belíssima esquerda na paralela, sua grande capacidade de saber o melhor a se fazer nos pontos mais difíceis, o que num esporte individual é algo imprescindível, o tênis brasileiro certamente não estaria no lugar que está hoje, como nos fala CARTA E MARCHER.

... Gustavo Kuerten, o Guga, tricampeão em Roland Garros e número 1 da ATP, em dezembro de 2000, provocou um curto-circuito no Brasil. Taxistas, porteiros, manobristas, donas de casa, entre outros, começaram a buscar resultados e textos sobre tênis nos jornais, a assistir partidas na televisão. (CARTA E MARCHER, 2004, p.13).

Guga é, realmente, o grande responsável por esta revolução no tênis brasileiro, ele apenas contou com a sorte de ter se destacado no momento certo, quando a forma de como vemos os esportes é totalmente diferente do passado. Ser auxiliado por uma mídia que o tornou um ídolo nacional foi um grande passo na sua carreira.

### 3 – Apresentação e discussão das pesquisas

Neste capítulo pretendemos mostrar a valorização que o tênis de campo recebeu nos últimos anos, mostrando e comentando as entrevistas e os questionários que utilizamos, além de considerar o levantamento normativo sobre o tênis de campo na cidade de Campinas. O intuito desta pesquisa é poder caracterizar os tenistas, saber a idade, gênero, quando começaram a jogar, nível de escolaridade e motivos que os levaram a praticar o esporte, além quantificar e comparar o número de praticantes, analisando o crescimento que a modalidade obteve depois do surgimento de Gustavo Kuerten.

Foram obtidas informações em dois locais diferentes, no Projeto de Extensão de tênis de campo da Faculdade de Educação Física da Unicamp, analisando o crescimento quanto ao número de praticantes da modalidade desde 2000 e em relação ao seu oferecimento na Faculdade. O outro local pesquisado foi a Liga Campineira de Tênis, entidade que promove o tênis na cidade com torneios, cursos e projetos para a comunidade, considerando o aumento de tenistas participantes na cidade, bem como obter dados sobre o fornecimento de tênis na cidade.

O crescimento de praticantes de tênis nos últimos sete anos fica evidente na cidade de Campinas, conforme os dados que mostram os filiados à Liga Campineira de Tênis. Hoje a entidade conta com mais de 2000 mil filiados e em 1996 não chegava a 200, um aumento de mais de 1000%<sup>4</sup>. Este crescimento é atendido pelo oferecimento da modalidade na cidade, que conta com 134 quadras, sem contar as quadras de condomínios e de quadras particulares em casas. O único problema é que dessas quadras, apenas 6 são públicas.

No Projeto de Extensão da Faculdade de Educação Física também é verificado este crescimento de praticantes da modalidade, havendo um aumento de turmas oferecidas também, principalmente a partir de 2003<sup>5</sup>. Deve-se ressaltar que o aumento de alunos a partir de 2003 é devido a uma maior propaganda sobre o projeto em toda a universidade. Na tabela 1 podemos analisar o preenchimento das turmas durante os semestres que a modalidade foi oferecida.

---

<sup>4</sup> Fonte: Liga Campineira de Tênis

<sup>5</sup> Vide tabela 14 em anexo com os números totais do projeto de extensão

**Tabela 1** – Preenchimento das vagas no Projeto de Extensão da Faculdade de Educação Física da Unicamp

Semestre	Porcentagem
1º semestre de 2000	14%
2º semestre de 2001	15%
2º semestre de 2002	15%
2º semestre de 2003	68%
1º semestre de 2004	64%
2º semestre de 2004	78%

O Projeto de Extensão oferece o tênis de campo a cada semestre desde o segundo semestre de 2003, sendo que os alunos que participam dele estão sempre se renovando. Com a capacidade das turmas completa, mais de 64% nos últimos três semestres, cada vez mais novos jogadores iniciam a prática o esporte.

No tênis brasileiro, existe pouco interesse das mulheres em praticá-lo, talvez pela falta de apoio, de uma estrutura mais competente para que o tênis feminino possa crescer, além da falta de torneios no país (CARTA E MARCHER 2004). A pesquisa realizada no projeto de extensão da Unicamp demonstra este dado onde mais de 65% são homens.

**Tabela 2** – Gênero dos tenistas no Projeto

Gênero	Porcentagem
Masculino	65%
Feminino	35%

Deve-se ressaltar que no Projeto de Extensão da Faculdade de Educação Física da Unicamp, os alunos são na sua grande maioria pessoas que possuem vínculo com a Universidade, portanto alunos ou funcionários da Unicamp. Porém há crianças participando também, devido ao baixo custo cobrado para poder participar se comparado com academias e clubes recreativos. A tabela 3 nos mostra esses dados:

**Tabela 3** - Idade dos alunos no Projeto

Idade	Porcentagem
8 a 11 anos	9%
12 a 15 anos	4%
16 a 18 anos	4%
19 a 35 anos	74%
Acima de 35 anos	9%

Um dado interessante dessa pesquisa é a data que as pessoas questionadas se referiam como início da sua prática no tênis. Como foi dito anteriormente, no Projeto de Extensão a maioria dos alunos são de pessoas que começam a jogar fazendo as aulas e por isto iniciaram a prática do tênis recentemente, sendo que a grande maioria começou a jogar no segundo semestre de 2004, comprovando que as pessoas no projeto estão sempre se renovando, cada vez mais pessoas iniciam a prática do esporte. A tabela 4 ilustra estes dados:

**Tabela 4** – Ano em que começou a jogar, com respostas obtidas no projeto de extensão

Ano	Porcentagem
Antes de 1997	4%
Entre 1997 e 2003	26%
2004	70%

A tabela 5 mostra uma comparação entre o nível de escolaridade dos tenistas quando começaram a jogar e atualmente do Projeto de Extensão da Faculdade de Educação Física. Nota-se que aqueles que iniciaram a algum tempo atrás, continuaram seus estudos, já que o número de pessoas cursando o ensino fundamental diminuiu entre uma tabela e outra, mostrando um aumento de participantes cursando o ensino superior e a pós-graduação.

**Tabela 5** - Escolaridade dos tenistas do Projeto de Extensão da Faculdade de Educação Física da Unicamp

Escolaridade	Quando começou a jogar	Atualmente
Fundamental incompleto	22%	13%
Ensino médio completo	4%	-
Superior incompleto	17%	22%
Superior completo	40%	39%
Pós Graduação	17%	26%

Há vários motivos que levam as pessoas a praticar o tênis. No Projeto de Extensão fica evidente que o principal motivo é a busca por uma atividade física e pela satisfação que o esporte proporciona, havendo ainda a influência de amigos, a disponibilidade da Unicamp

e a chance de ser um profissional, sendo que este último é mais verificado entre as crianças que fazem aula no projeto. Estes dados são mostrados na tabela 6:

**Tabela 6 – Motivo pelo qual se interessou pelo esporte no Projeto**

Motivo	Porcentagem
Amigos	9%
Atividade Física	30%
Gosto pelo esporte	39%
Saúde e Lazer	4%
Ser Profissional	9%
Disponibilidade da Unicamp	9%

Sobre a influência que o Guga exerceu nas pessoas questionadas, percebe-se que no Projeto de Extensão, por ser freqüentado por pessoas com nível superior e que iniciaram a jogar a pouco tempo, menos de um ano, é grande o número de praticantes que não tiveram influência do Guga, já que os alunos já possuem uma opinião formada sobre os esportes e não iniciam a jogar em função do ídolo esportivo. A tabela 7 mostra a se o Guga influenciou ou não aos entrevistados no Projeto de Extensão a começarem a jogar:

**Tabela 7 –Influência do Guga no Projeto**

Influência	Porcentagem
Direta	26%
Indireta	22%
Não teve	52%

Muitas pessoas disseram que não tiveram uma influência direta do Guga, mas afirmaram que se não fosse ele, provavelmente não estariam jogando tênis, reconhecendo o papel que o ídolo teve na popularização do esporte no país, motivando-os a praticar a modalidade.

Depois de analisar os alunos do Projeto de Extensão da Faculdade de Educação Física, estaremos avaliando os questionários realizados com os alunos da academia especializada.

Na academia fica mais evidente ainda que o tênis de campo é um esporte praticado na sua maioria por homens, com apenas 15% dos questionados do sexo feminino, conforme mostra a tabela 8:

**Tabela 8** – Gênero dos tenistas na Academia

Gênero	Porcentagem
Masculino	85%
Feminino	15%

Esta diferença é evidenciada também por outro motivo, como nos diz Patrícia Medrado<sup>6</sup> em uma entrevista a CARTA E MARCHER: “homem é mais ligado em esportes” (CARTA E MARCHER, 2004, p. 262). Podemos notar ainda a falta de torneios, tanto para as mais jovens quanto para as que querem seguir na carreira profissional, obrigando-as a sair do país para jogar, diferentemente dos homens, que hoje no Brasil podem participar de vários torneios de nível profissional ainda que pequenos, possibilitando que nossos tenistas não necessitem ir muito longe jogar. Isso é uma das razões que atestam também para a falta de ídolos no tênis feminino do Brasil, se tornando também um dos motivos que levam o tênis feminino para essa situação de crise, como CHIMINAZZO nos ilustra:

... a falta de um ídolo deixa o esporte “doente”, deixa o esporte deficiente tanto na área de massificação quanto na área competitiva, pois atletas competitivos são oriundos da massa praticante da modalidade esportiva considerada. O tênis feminino está nessa: não possui ídolos e conseqüentemente não tem praticantes, não tem apoio, não tem investimentos, não tem nada. (CHIMINAZZO, 2001, p. 9).

Outro ponto a se destacar, e bem evidenciado na pesquisa realizada na academia é o fato de que a maioria dos praticantes de tênis serem crianças e jovens. Tudo isto porque a influência do Guga é muito maior sobre as crianças, que o transformam com mais facilidade num ídolo a ser seguido, tentando conseguir os mesmos resultados que ele obteve. Há também os pais que querem ver seu filho como um novo Gustavo Kuerten ou apenas querem ver seus filhos praticando alguma modalidade esportiva e acabam levando-os para praticar a modalidade. A tabela 9 aponta estes dados referentes à academia especializada:

<sup>6</sup> Patrícia Medrado foi uma ex-jogadora profissional brasileira que chegou a ocupar a 48ª posição no Ranking Mundial

**Tabela 9 - Idade dos alunos na Academia**

Idade	Porcentagem
8 a 11 anos	15%
12 a 15 anos	25%
16 a 18 anos	35%
19 a 35 anos	15%
Acima de 35 anos	10%

Na academia pode-se perceber que a maior parte dos atletas deu início à prática do tênis de campo entre 1997 e 2000, após Guga ter ganhado seu primeiro título. A tabela 10 demonstra essas informações na academia:

**Tabela 10 – Ano em que começou a jogar, com as respostas obtidas na academia**

Ano	Porcentagem
Antes de 1997	20%
Entre 1997 e 2000	50%
Depois de 2000	30%

É importante observar que mais de 80% dos tenistas entrevistados começaram a praticar o tênis de campo após 1997, dados que mostram a importância que o Guga teve nesse desenvolvimento. Muitas vezes ele não influenciou diretamente as pessoas a jogarem tênis, mas devido ao seu sucesso, o tênis ficou mais conhecido pela população brasileira, que acabava se interessando pelo esporte.

Os números da Liga Campineira de Tênis atestam para o fato de que em 1996 a entidade contava apenas com 200 filiados e hoje chega aos 2000, um crescimento imponente.

Sobre o nível de escolaridade dos tenistas na academia, pode-se observar há jogadores que responderam que gostariam de ser profissionais, inclusive treinando em dois períodos, e mesmo assim não deixavam de estudar. Como os entrevistados começaram a jogar a mais tempo, fica fácil perceber a valorização que dão aos estudos. Até entre as crianças e jovens que desejam ser profissionais algum dia. A tabela 11 aponta dados claros sobre a evolução nos estudos dos tenistas e principalmente entre os menores de 18 anos, já que muitos que acabaram o ensino fundamental, continuaram a estudar no ensino médio. Cresceu também o número de tenistas que cursam ou já cursaram o ensino superior, passando de 10% para 25%.

**Tabela 11 – Escolaridade dos tenistas da academia**

Escolaridade	Quando começou a jogar	Atualmente
Fundamental incompleto	70%	40%
Ensino médio incompleto	20%	35%
Superior incompleto		10%
Superior completo	10%	15%

É interessante observar os números na academia sobre os motivos que levaram os tenistas a iniciarem a praticar o esporte. Por ser um local especializado na prática de tênis, que busca descobrir novos talentos para o esporte brasileiro, nota-se uma grande quantidade de tenistas que buscam ser profissionais. Há ainda os tenistas que iniciaram o tênis trabalhando na área, os “boleiros”, pegadores de bola de torneios das academias e dos clubes. Outro dado interessante é o de pessoas que começam a jogar tênis forçados pelos pais, seja para ser um novo Guga ou apenas para praticar uma atividade física. Esses dados são apresentados na tabela 12:

**Tabela 12 – Motivo pelo qual se interessou pelo tênis de campo na academia**

Motivo	Porcentagem
Atividade Física	10%
Gosto pelo esporte	20%
Forçado pelos pais	10%
Trabalhar	15%
Ser Profissional	45%

Na academia, como se trata de crianças e que começaram a jogar principalmente após o Guga ter ganhado Roland Garros pela primeira vez, a influência que o Guga exerceu nos jogadores é muito maior. A tabela 13 aponta os valores da influência que Gustavo Kuerten ocasionou nos tenistas na academia especializada:

**Tabela 13 –Influência do Guga na academia**

Influência	Porcentagem
Direta	60%
Indireta	10%
Não teve	30%

Sobre as entrevistas, um ponto a considerar e que fica claro, é o papel que a mídia representou para o tênis brasileiro, principalmente pela televisão, que faz algo que

antigamente era difícil, mostrar jogos de tênis ao vivo, dando grande ênfase a jogos de brasileiros, principalmente do Gustavo Kuerten e após sua primeira conquista, crescendo bastante o número de jogadores, conforme o sujeito 3 aponta em sua entrevista: “O ‘boom’ do tênis realmente foi depois da primeira conquista do Guga em Roland Garros, sendo que o tênis cresceu cerca de 40%”.

De acordo com a pesquisa realizada, podemos perceber o quanto o tênis de campo cresceu nestes sete últimos anos, após a conquista de Gustavo Kuerten, porém, como foi dito pelo sujeito 1 em sua entrevista, o esporte depende de um ídolo, e como o Guga atualmente está em baixa, com resultados pouco expressivos no cenário mundial, o número de praticantes caiu um pouco, também em decorrência da falta de incentivo por parte de entidades públicas, que levem o esporte para todos.

O crescimento do tênis de campo no Brasil é muito maior entre as crianças, como foi dito pelos entrevistados e comprovado pelo questionário realizado na academia. Na entrevista do sujeitos 1, pode-se observar esta consideração: “É importante no esporte ter um ídolo e depois de Roland Garros o tênis brasileiro passou a ter um. Isto motivou as crianças a jogar, principalmente as mais novas, entre 6 e 8 anos”. De acordo com o sujeito 2: “As crianças se interessam cada vez mais e isto se espalha, passando de amigos em amigos, crescendo cada vez mais, como uma bola de neve” ou como colocado pelo sujeito 3 “as escolinhas para crianças duplicaram seu número de alunos”.

## 4 – Considerações Finais

Depois de analisar todos os dados obtidos, podemos concluir sobre diversos fatores. Reconhecer as características dos jogadores que responderam ao questionário, como a idade, o gênero, o início no esporte e o nível escolar; seus motivos, e a influência que o Guga exerceu. Consideramos também as entrevistas realizadas pelos três sujeitos ligados ao tênis da cidade.

Gustavo Kuerten provocou uma verdadeira revolução no tênis brasileiro. Até sua conquista em 1997 em Roland Garros, nosso tênis não passava por um bom momento, com resultados pouco expressivos e baixo reconhecimento perante a mídia. Depois de sua conquista, os meios de comunicação de massa caíram nas graças alcançadas pelo brasileiro, fazendo dele um ídolo nacional.

Em Campinas, depois do surgimento do Guga, cresceu bastante o número de praticantes. Contando apenas os filiados à Liga Campineira de Tênis, houve um crescimento de mais de 1000% comparando 1996 com 2004. Isso sem contar com outras dimensões de prática que aqui não foram consideradas, aquelas pessoas que já praticam o tênis de fim de semana sem disputar torneios, apenas jogando pela satisfação que o esporte proporciona, como afirma o sujeito 1: “Cresceu bastante também o tênis social, já que as pessoas acabam descobrindo este novo esporte, indo a clubes e academias para aprenderem a jogar”.

Este aumento é evidente principalmente entre as crianças, como observado na pesquisa realizada na academia, que se vêem na figura do Guga, iniciando um sonho de alcançar as mesmas glórias obtidas pelo ídolo. Dessa maneira, fica claro que Gustavo Kuerten é o grande motivo para que muitas crianças comecem a jogar tênis, como ficou comprovado nas respostas obtidas pelos frequentadores da academia especializadas em tênis.

Entre os adultos, é possível observar também uma certa influência do tenista brasileiro no início da prática no esporte, mesmo que indiretamente, com as pessoas sabendo que, se não fosse o Guga, provavelmente não estariam praticando a modalidade, num reconhecimento à popularização que o esporte teve depois de maio de 1997.

Porém, não se deve apenas a Gustavo Kuerten a façanha de levar o tênis brasileiro ao patamar que se encontra hoje. Se não fossem os meios de comunicação de massa, que souberam aproveitar o momento do brasileiro para transformá-lo em um herói nacional, com certeza o fenômeno social esportivo não seria o mesmo. Podemos afirmar isto em função do que o tênis brasileiro já passou, com Maria Esther Bueno, a melhor tenista do mundo durante alguns anos na década de 60, com feitos até mais grandiosos que o do Guga, mas num momento em que não havia uma mídia forte por trás dela. No caso do Guga, além de transformá-lo num ídolo, a mídia ainda aumentou o noticiário sobre o tênis em geral, como por exemplo, um crescimento do número de jogos ao vivo na televisão. Para se ter uma idéia do quanto a mídia divulgou mais o tênis, antes de 1997, Maria Esther era conhecida praticamente apenas por tenistas e que depois do Guga, passou a ser mais reconhecida pela população brasileira.

Devemos ressaltar que para uma maior popularização do esporte, deveria haver também mais projetos na área, afinal o tênis de campo, na sua prática oficial, é um esporte relativamente caro. Ter uma raquete, bolas, além de quadras para jogar, seu acesso não é fácil e nem barato. Mas não é difícil realizar projetos que o desmistifique, realize adaptações de espaços e equipamentos, promovendo a modalidade para uma parcela maior da população.

O sujeito I coloca bem esta falta de projetos no tênis brasileiro e cita um que deu certo: “O que falta são projetos que elevem o número de jogadores de tênis não só para os mais ricos, mas entre os de classe mais baixa também. Conheço um projeto que faz isto, o Projeto Larri, do treinador do Guga Larri Passos na sua academia em Camboriú – Santa Catarina, que conta com mais ou menos 80 crianças de baixa renda, sendo que as crianças recebem comida e transporte para poderem jogar tênis”.

Gustavo Kuerten em entrevista a CARTA E MARCHER afirma: “O tênis está vivendo um momento fantástico no Brasil, há uns oito anos. E, no entanto, sinto que nada foi aproveitado. Não temos projeto, não temos um centro de treinamento, não existe uma organização” (CARTA E MARCHER 2004, p.378).

Dessa maneira, o tênis brasileiro continuará dependendo de um ídolo para que possa continuar esta valorização que teve nos últimos anos. Hoje, Guga ainda é o melhor brasileiro do Ranking Mundial, é bem admirado pela mídia e mantém o tênis em alta. Mas

o que acontecerá quando ele parar de jogar e não surgir um novo tenista que possa alcançar conquistas como ele? É neste ponto que vem a pergunta:

O que acontecerá com o tênis brasileiro após o Guga?

## 5 – Referências Bibliográficas

- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física.** – Campinas, SP: Papirus, 1998.
- BRUSTOLIN, Milton. **Tênis no Brasil – História, ensino e idéias.** – Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1995.
- CARTA, Gianni e MARCHER, Roberto. **O tênis no Brasil: De Maria Esther Bueno a Gustavo Kuerten.** – São Paulo, SP: Códex, 2004.
- CHIMINAZZO, João Guilherme Cren. **A preparação física na modalidade tênis de campo: O estudo de um caso.** – Monografia, Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, SP, 2001.
- COSTA, Ghilherme. **A primeira dama do tênis brasileiro.** Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/idolos/tenis/mestherbueno>. Acesso em 09 de agosto de 2004.
- DALCIM, José Nilton. **Guga e Maria Esther fazem do Brasil uma potência.** Disponível em: <http://www2.uol.com.br/tenisbrasil/profissional/joni/bate-pronto-033.htm>. Acesso em 13 de setembro de 2004.
- GUEDES, Marcos. **Kirmayr: paixão interminável pelo tênis.** Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/idolos/tenis/kirmayr/>. Acesso em 23 de agosto de 2004.
- MEYER, Marcelo. **Não adianta apenas sonhar com um novo Guga.** Disponível em: <http://www2.uol.com.br/tenisbrasil/profissional/outros%20colunistas/meyer%20003.htm>. Acesso em 13 de setembro de 2004.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-Espectáculo e Futebol Empresa.** – Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, SP, 1998.
- SANITA, Carlos Eduardo. **O jogo de tênis como uma alternativa na formação continuada da prática esportiva.** – Monografia, Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, SP, 2003.

SERIO, Denis Eduardo. **Koch: curtição e pioneirismo com a raquete nas mãos.** Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/idolos/tenis/thomaskoch>. Acesso em 16 de agosto de 2004.

NARAZAKI, Fernando. **Gustavo Kuerten.** Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/idolos/tenis/guga>. Acesso em 30 de agosto de 2004.

SOUZA, Ana Márcia de. **Esporte Espetáculo: A Mercadorização do Movimento Corporal Humano.** – Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 1991.

STUCCHI, Sergio. **O Jogo de Tênis na Escola: uma tentativa de Popularização e Inclusão no Conteúdo da Educação Física Escolar.** – Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 1993.

THOMAS, Jerry e NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

## **Anexos I**

### **Entrevista a pessoas ligadas ao tênis de Campinas.**

Antes de o Guga ganhar Roland Garros, o tênis brasileiro passava por um momento de pouco interesse pela população do país, mas que após sua conquista, este cenário mudou bastante.

#### **Pergunta:**

Como você analisa esta mudança ocorrida no tênis brasileiro com o surgimento do Guga?

#### **Sujeito 1 (Ex profissional de tênis e dono de uma academia em Campinas)**

Houve uma mudança muito grande no tênis brasileiro com certeza. É importante no esporte ter um ídolo e depois de Roland Garros o tênis brasileiro passou a ter um. Isto motivou as crianças a jogar, principalmente as mais novas, entre 6 e 8 anos e é nesta nova safra, que hoje está com 13, 14 e 15 anos, que acredito surgir um no ídolo para o esporte. Mas para isto acontecer deve haver projetos que promovam melhor o tênis competitivo, sendo que posso citar um, o Instituto do Tênis, um projeto que há em Santa Catarina para apenas garotos de 14 anos. Cresceu bastante também o tênis social, já que as pessoas acabam descobrindo este novo esporte, indo a clubes e academias para aprenderem a jogar, e acabam levando seus filhos também.

O tênis cresceu devido à mídia, revistas, jornais, televisão que propiciaram as pessoas a conhecerem o Guga. Hoje você liga a televisão e vê jogos de tênis, o que era difícil antigamente.

Atualmente, como o poder aquisitivo do brasileiro caiu um pouco e pelo Guga já não estar mais no topo, o número de tenistas caiu um pouco, já que as pessoas estão procurando esportes mais baratos, já que o tênis é um esporte de classe média alta, mas acredito que o tênis voltará a crescer se o Guga voltar a vencer depois da sua nova cirurgia. O que falta são projetos que elevem o número de jogadores de tênis não só para os mais ricos, mas entre os de classe mais baixa também. Conheço um projeto que faz isto, o Projeto Larri, do treinador do Guga Larri Passos na sua academia em Camboriú – Santa Catarina, que conta com mais ou menos 80 crianças de baixa renda, sendo que as crianças recebem comida e transporte para poderem jogar tênis, podendo surgir aí um novo Guga.

Para se ter uma idéia, quando abri minha academia, ela esteve lotada, por ser uma novidade aqui em Campinas, mas depois o número de alunos caiu. Quando o Guga ganhou pela primeira vez e depois em 2000 ao ser número um do mundo, a academia voltou a estar lotada, mas agora, com o Guga em baixa e por não termos um tenista que possa se tornar um ídolo igual a ele, o número de alunos voltou a cair.

#### **Sujeito 2 (Professor de tênis em um clube de Campinas)**

Pelo Guga ser um brasileiro, ter conquistado todos os seus títulos, estar sempre na mídia e ser mostrado constantemente na televisão, inclusive seus jogos, que a criançada se entusiasma e começa a assisti-lo, vendo-o como um novo ídolo. As crianças se interessam cada vez mais e isto se espalha, passando de amigos em amigos, crescendo cada vez mais, como uma bola de neve. Aqui no clube eu vejo uma influência maior do Guga sobre as crianças, não que o número de atletas não cresceu entre os mais velhos, mas eles procuram o esporte como uma forma de fugir da violência de outros esportes, principalmente o

futebol, já que muitas pessoas que o praticavam, acabaram mudando para o tênis e muitos trouxeram seus filhos também. Atualmente, para demonstrar o efeito que a mídia possui sobre as pessoas, principalmente em cima as crianças é sobre o tenista Ricardo Mello. De vê-lo quando ele vem treinar aqui no clube e antes de conquistar seu título e aparecer constantemente na mídia, ninguém tinha interesse em vê-lo treinar, mas depois isto mudou muito.

### **Sujeito 3 (Presidente da Liga de Tênis de Campinas)**

O “boom” do tênis realmente foi depois da primeira conquista do Guga em Roland Garros, sendo que o tênis cresceu cerca de 40%, as escolinhas para crianças duplicaram seu número de alunos e a mídia começou a ver o esporte de maneira diferente, ocorrendo uma maior abertura da mídia, mostrando mais sobre o tênis, como jogos na TV. Surgiram alguns projetos para as comunidades, como o projeto criado aqui em Campinas, o “Projeto criança” de 96 a 97, que contava com mais de 200 crianças, porém faltaram voluntários. Acho que faltou um pouco de projetos das federações e da confederação brasileira para que o tênis crescesse mais um pouco. Hoje este crescimento já deve ter caído uns 15%, afinal o Guga já não está tão bem no ranking e ter um ídolo no esporte é fundamental para que o esporte possa crescer. Aqui na Liga nós estamos sempre realizando e colaborando com eventos para promover o tênis, como o “Projeto criança” e o “Projeto Parceiro do Futuro” que levava o tênis para escolas da cidade, além de realizar cursos e palestras sobre o tênis, fora os torneios feitos durante o ano.

## Anexo II

### Praticantes de tênis

Questionário utilizado para analisar os praticantes do tênis de campo, que freqüentam dois lugares: O projeto de extensão da Faculdade de Educação Física da Unicamp e uma academia especializada.

Questionário:

1. Idade: \_\_\_\_

2. Sexo:  Masculino

Feminino

3. Em que ano começou a jogar

4. Qual sua escolaridade quando começou a jogar:

Fundamental incompleto

Fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Superior incompleto

Superior completo

Pós-graduação

5. Escolaridade Atual:  Fundamental incompleto

Fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Superior incompleto

Superior completo

Pós-graduação

6. Por que começou a jogar? O Guga possui alguma influência?

---

---

---

---

---

## Anexo III

### Tabela

Tabela 14 – Alunos do Projeto de Extensão da Faculdade de Educação Física da Unicamp<sup>7</sup>

Semestre	Total de Vagas	Vagas Preenchidas
2º semestre de 1997	Turma A	3
	Turma B	4
1º semestre de 1998	Turma A	16
	Turma B - crianças	10
2º semestre de 1998	Turma A	10
	Turma B	11
1º semestre de 2000	36 vagas	5
2º semestre de 2001	48 vagas	6
2º Semestre de 2002	Turma A: 24 vagas	0
	Turma B: 24 vagas	4
	Turma C: 24 vagas	7
2º Semestre de 2003	Turma A: 15 vagas	15
	Turma B: 15 vagas	8
	Turma C: 15 vagas	15
	Turma D: 15 vagas	15
	Turma E: 15 vagas	12
	Turma F: 15 vagas	12
	Turma G: 15 vagas	4
	Turma H: 15 vagas	4
	Turma I: 15 vagas	3
	Turma J: 15 vagas	15
	Turma K: 15 vagas	17
	Turma L: 15 vagas	14
	Turma M: 15 vagas	4
Turma N: 15 vagas	4	
1º Semestre de 2004	Turma A: 15 vagas	2
	Turma B: 15 vagas	3
	Turma C: 15 vagas	9
	Turma D: 15 vagas	15
	Turma E: 15 vagas	16
	Turma F: 15 vagas	15
	Turma G: 15 vagas	14
	Turma H: 15 vagas	3
	Turma I: 15 vagas	4
	Turma J: 15 vagas	9
	Turma K: 15 vagas	15
	Turma L: 15 vagas	15

<sup>7</sup> Fonte: Codesp e João Guilherme Cren Chiminazzo

	Turma M: 15 vagas	12
	Turma N: 15 vagas	2
	Turma A: 15 vagas	15
	Turma B: 15 vagas	15
	Turma C: 15 vagas	12
	Turma D: 15 vagas	15
2º Semestre de 2004	Turma E: 15 vagas	8
	Turma F: 15 vagas	17
	Turma G: 15 vagas	17
	Turma H: 15 vagas	5
	Turma I: 15 vagas	1